



NYAMEKYE ZUNGO

DUMBA

O GRANDE MISTÉRIO



Nyamekye Zungo, pseudónimo literário de Nelson Nianga Mandela Emílio, nasceu no Luena, Moxico, aos 5 de Outubro de 2004, é escritor, bloguista, estudante do curso Técnico de Finanças no Instituto Médio Comercial de Luanda (IMCL), CEO e fundador do portal literário Mwangolé das Letras. Jovem escritor, que começou a escrever em 2019, é aficionado pela leitura e língua portuguesa, escreve contos, literalmente, de literatura africana baseados em ficção e quer seja sobre o quotidiano. É autor das obras: ‘A boca no canudo da cova e ‘2 Lápis, 2 Borrachas.’ O contador de histórias e leitor, frisa que “O mundo não precisa de armas, mas só precisa de livros para enfrentar batalhas.”

Título: DUMBA – O GRANDE MISTÉRIO

Autor: Nyamekye Zungo

Design de capa: Nyamekye Zungo

Arte de capa: Canva

Revisão: Nyamekye Zungo

Imagem: Google

Facebook: [Nyamekye Zungo](#)

Instagram: [nyamekye_zungo](#)

Contacto: +244 931 291 668

2ª Edição: 2023

Todos os direitos reservados. Você não pode copiar, criar obras derivadas e nem fazer uso comercial deste opúsculo sem a devida permissão do autor.

Para todos os meus leitores, amigos e colegas!

“Dumba: O Grande Mistério” é a continuação do “A Boca No Canudo da Cova”. Atenção, se não leu, antes de ler o capítulo posterior leia primeiro o capítulo anterior.

“O maior mistério, é aquele que é contado com doçura e com um pouco de pimenta a fim de suscitar dúvidas e decodificações perante o leitor.”

Dumba – O Grande Mistério

— Está na hora de alterar este rosto.

— Pensas em alterá-lo agora, Sr. Dumba Chiaka?

— Claro, para quem trabalhas, seu desgraçado? Já não existe mais nenhum Dumba Dyami e tampouco Nkanga Nkosi. E quando estou presente, que seja pela última vez a me chamar pelo o nome verdadeiro. Senão mato-te. Ouviu, Dalmar?!

— S... si... sim, Sr. Cara Negra - respondeu o cirurgião plástico, apavorado e com uma sensação de timidez faceciosa.

— Agora simmm. Muahahaha! Ligue as máquinas. Já! - mandou ele, todo autoritário, assustador e determinante.

O cirurgião plástico ligou os seus instrumentos cirúrgicos hemostáticos, destinados à função de pinçamento de vasos sanguíneos. O cirurgião avaliou o rosto do Dumba Chiaka (Cara

Negra), bem como a estrutura e harmonia facial. Por esse ser aterrorizador, não foi preciso ouvir uma insatisfação e expectativa em relação ao procedimento.

A ritidoplastia, sendo um procedimento estético usado para diminuir as rugas do rosto e pescoço, além de reduzir a flacidez da pele e remover o excesso de gordura, tornavam o aspecto de Dumba totalmente jovem, distinto e bonito a fim de apagar mais vítimas inocentes do seu caminho, principalmente as adolescentes que ele tanto odiava.

E lá estavam os pais da Yelissa junto ao Serviço de Investigação Criminal (SIC), procurando respostas claras sobre o assassinato da filha.

— Quem foi que vos avisou acerca do paradeiro físico da vossa filha? - perguntou um dos agentes do SIC.

— Foi o ex-colega dela, o Nkanga Nkosi. O porquê da pergunta, senhor agente? - respondeu e perguntou o pai da Yelissa, apouentado.

— E o que não entendemos, é o do porquê que um assassino avisou-vos acerca dela. Parece não fazer sentido - disse um dos agentes, dando o ponto de partida ao esclarecimento das pesquisas achadas.

— Vocês sabiam que não existe nenhum Dumba Dyami e tampouco Nkanga Nkosi? Ou seja, os dois nomes são falsos, mas o assassino existe. Antes de ele ter apagado os dois nomes, nós agentes do SIC descodificámo-los - acrescentou o outro agente.

— Como assim? Não consigo perceber, senhor agente - perguntou a mãe da Yelissa.

— Bem. Pelas pesquisas (investigações) feitas, tudo indica que Dumba Dyami é o Nkanga Nkosi e o Nkanga Nkosi é o Dumba Dyami. Mas a pergunta que não se cala é, como isto é possível? Relativamente, há um tempo, andámos à procura de

um assassino em série, sociopata e ao mesmo tempo psicopata...

— Onnipotente infiltrado, esturador, seropositivo ao vírus do HIV, traficante de adolescentes e drogas, doente de pareidolia e um doblê-facial-excessivo, que faz tanta coincidência com alguém...

— Com quem? – perguntou de novo a mãe da Yelissa, medonha.

— Com o magnata embuçado e psicopata, cheio de adjectivos e retratos (caras), denominado Cara Negra...

— Não, não acredito nisto. Como isso é possível? O porquê que o ex-colega dela o mataria? - lamentou a questionar o pai da Yelissa.

— Ele não fez isso. Não pode matar alguém. Concordo com o meu marido. Mas como?

— Apaguem isto das vossas mentes, meus senhores. Nós agentes do SIC, pedimos a vossa

calma. Faremos os possíveis de deter esse assassino de uma vez por todas...

— Esse tal de Dumba ou Cara Negra, apesar de não possuir nenhum rastro evidente, pelos pequenos rastros, de todos os homicídios que casou (causa), deixa sempre uma assinatura no corpo das vítimas, que o deflagra sem sequer saber...

— Antes de tudo, nenhuma informação vinda de nós, deve ser disseminada sem a nossa autorização. Bem, tocando ao Cara Negra, ele faz-se passar por milhões de pessoas trocando o seu rosto de adulto constantemente. Penso que ele deve ter um cirurgião plástico bastante profissional e eficiente...

— E sempre que altera o seu rosto, ele escolhe a facial de um jovem. Pena que são sempre diferentes. Mas, tocando na assinatura que o condena ou torna-o meio burro com escrúpulos, podemos assim dizer. Do jeito que o meu colega afirmou, de todas as mortes que ele causa, deixa

duas abreviações (assinaturas) no corpo das vítimas...

— Que são: “C.N.” de Cara Negra e “D.C.” de Dumba, mas o segundo nome parece ser indecifrável. Por enquanto não conseguimos encontrá-lo. Mas a única coisa que temos a certeza, é que a primeira abreviação é uma alcunha real, e “Dumba” é o seu nome verdadeiro. Portanto, para desmascará-lo, será necessário descodificar a inicial do segundo nome. Porém, existem milhares de pessoas com o nome “Dumba” e, temos a certeza que não será uma tarefa fácil - concluiu o portavoz do SIC.

O SIC desempenhava um papel fundamental na busca da justiça e na resolução de crimes causados pelo Cara Negra. Através de técnicas de investigação, coleta de evidências e análise forense, os agentes trabalhavam duro, de modo a reunir provas concretas que pudessem identificar a verdadeira face (identidade) do magnata embuçado

e psicopata, e levá-lo à responsabilização perante a lei.

Essa investigação não era como uma madeira prestes a ser apodrecida imediatamente, mas sim era primordial ser paciente em dias, semanas, meses e anos a anos, que geralmente seguindo um *modus operandi* iria beneficiar perfeitamente a descodificação do seu retrato e assinatura.

Na cirurgia plástica, Dumba dormira sonhando com a primeira vítima que tornara-o num psicopata, antigamente quando era apenas um adolescente de dezoito anos.

“Eu não te quero mais. Deixe-me em paz, Dumba.”

“Por favor, Yola. Não me deixa sozinho.”

“Trancaste a porta? Dumba, pelo amor de Deus, abra e deixe-me sair.”

“Não! Agora vou mostrar-lhe como se ama de verdade, minha Yola. Muahahaha!”

“Não, não, não. Solte-me, por favor.”

Após tê-la violentado, pegou um martelo e começou a bater pela sua cabeça com tanta força. E, infelizmente, Yola não aguentou, morreu. De seguida ele embrulhou o corpo num saco preto e deitou-o num contentor longe do local onde se encontravam.

— Oh, chefe, acordaste?! - perguntou o cirurgião plástico.

— Simmm. Com um novo visual estético. Ficou perfeito. Eu sou um morto-vivo. O Cara Negra de todos que tentaram ser cara morreram, sou o único. Agora, serei tratado por Kandimba Ramos.

— É... é, é isso aí, Sr. Cara Negra. Hihihihhi - disse o Dalmar, com um riso tímido.

— Qual é a graça? - perguntou o Cara Negra, com um olhar extremamente assustador.

— Na... na... não. Nada, chefe. Perdão! - respondeu ele, arrependido e apavorado com o seu chefe.

Dumba na sua infância apresentava o hábito de mentir, não sentia culpa, remorso ou constrangimento ao ser flagrado a cometer actos errados, desafiava a autoridade dos pais e professores, maltratava os seus amigos, colegas e até bichos de estimação, não tolerava frustrações, violava as regras sociais. Além disso, se preocupava apenas com os seus interesses e ganhos, frieza emocional, sexualidade precoce acentuada, introdução precoce ao mundo do álcool, drogas e outros vícios.

Um visionário que os psicóticos matavam como resposta às vozes ou visões que lhe exigiam mais crimes. O missionário que acreditava que a sociedade devia se livrar das pessoas homossexuais, prostitutas, mulheres, adolescentes e crianças. Um

emotivo que tinha prazer no planeamento do crime e matava centenas de adolescentes angolanas por pura diversão. O sádico que buscava satisfação através do sofrimento das vítimas, mediante tortura, mutilação e homicídio, os quais lhe traziam prazer sexual.

Numa noite de lua cheia, estava Dumba, planeando fazer sexo com mais uma vítima adolescente e logo matá-la sem piedade. Ela chamava-se Welema Ferreira, uma adolescente mulata, angelical, formosa, assanhada e de corpo à mocidade.

— Wele, estamos juntos nesta casa. Que tal fazermos amor no quarto?

— Amor não, melhor sexo. Podemos começar aqui no sofá, bebé.

— Sério?

— Claro que sim, Kan. Anda, venha tirar a minha roupa! - disse a Welema, que nem sequer conhecia perfeitamente o Kandimba Ramos, que era mais um disfarce de Dumba, o misterioso Cara Negra.

Naquele sofá, a lua cheia era um símbolo de renascimento obscuro. Onde houve uma conexão poderosa com o lado espiritual de cada um, as energias se proliferaram com mais intensidade. De encontros calorosos, o que ficavam em alta, eram os desejos sexuais do corpo em um quarto onde se enxergava muita atração física, muita paixão animalesca, carisma, brilho e muita conexão falsa do Kandimba.

— Hummm! Aaaiii! Ahhhh! Uhhhh! Hummm! Hannn! - gritava a Welema, com uma excitação frenética, clímax, paixão, dor, satisfação e ironia.

— Fogo, que gostosa hein! - elogiou o Kandimba.

— Coloca o dedo na minha vagina, vai, coloca, vaiiiii, Kandimba.

— Vou, vou. Vou, Yelissa - disse o Kandimba, começando a imaginar as relações sexuais do passado com a Yelissa.

— Quem é a Yelissa, amor? - parou e perguntou a Welema, com dúvidas.

— Não é ninguém. Desculpe-me, só falei por falar. Vai, abra as pernas, amor.

— Ahm. Vai, continua a injectar o dedo. Não pare, Kan - disse a Welema, toda motivada como uma adulta, mas enganada e muito cega.

A relação sexual, a cada vez mais subia intensamente.

— Uau, que pénis delicioso e bem-feito!

— Vai, baixe, Wele. E chupe, chupe sem parar - disse o Kandimba.

— Groah! - gemia a Welema.

Entre quatro paredes, o momento prazeroso para cada pessoa envolvida fluía, o chamado sexo com penetração. O sexo vaginal, boca-genitais, anal, toques erógenos e dedilhados. Para a Welema quanto para o Kandimba, tudo era um libido, um desejo sexual forte (ambos uma excitação intensa decorrendo nos seus órgãos). A ejaculação durante o orgasmo, e os lábios internos e externos, acabavam estimulando tudo. Porém, mais uma vítima recebera o vírus do HIV. Depois de dez a treze minutos, de repente, o assassino em série se liberta tapando furiosamente a boca da Welema.

— Cala a boca! - disse o Dumba, autoritário e prestes a matá-la.

“A lua cheia nem sempre é uma criança e tampouco diversão sexual. Por vezes, ela é uma morte literalmente desenhada.”

— Ahhhhhhhhhhhhhh! - gritou a Welema, e depois de alguns segundos, morreu.

Dumba após ter matado e se livrado do corpo dela, dormira, num sonho lúcido e terrível com a Yelissa, algo não batia certo. Uma voz e alma atacara a sua cabeça. As pessoas são mortas, mas nada desaparece por acaso. Será que ele havia escapado da Yelissa?

— Não... não. Eu matei-te. Você está morta, Yelissa! - disse ele, admirado enquanto avistava um sonho real.

— Simmm... Estou morta. Oh, afinal és um dissimulado profissional! Então aquele passaporte para África do Sul era falso. Também pensava que fosses o meu colega. Penso que estás em Angola. Mataste mais alguém, vi-te a se desfazer do corpo dela, depois de teres satisfeito os seus desejos sexuais, como fizeste comigo. Lembras? Dumba, ou sei lá como te chamam, Cara Negra, já mataste milhões de adolescentes inocentes. Já basta! Em breve, a minha alma vai voltar com algo peculiar e poderoso, de modo a destruir-te de uma vez. Hihihahahahaha!

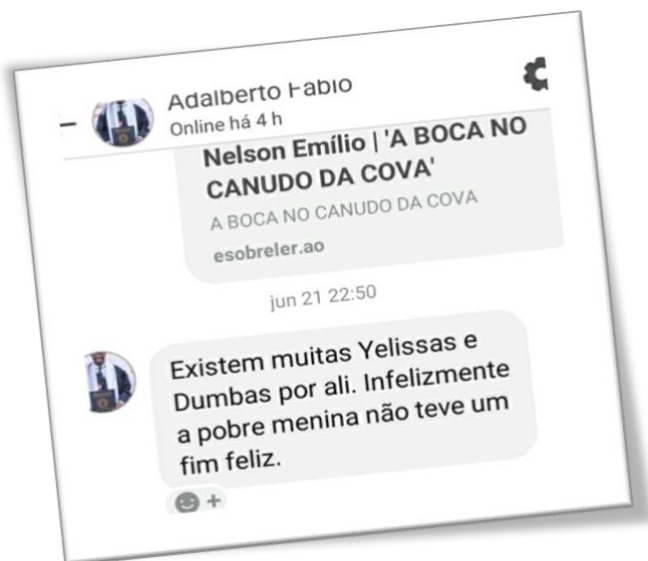
“Vuuuu, clic, tic-tac, pow, cabrum brrr booom, brrr buuum!” - Quando ela se foi embora, ventos, lâmpadas, acende e apaga, barulhos de relógio, explosão, trovões e raios, invadiam a casa onde Dumba estava.



— Não... não, nãooooo! - gritou o Dumba, depois dum espanto repleto de loucura.


“A pior dívida do passado, é o pé direito sossegado no presente.”

Continua...

**Comentários acerca da edição anterior,
“A Boca No Canudo da Cova”:**




←  Valentim Chico
Online há 2 h 


 **Sério.**
Narrar a História na primeira pessoa ficou perfeita mas, quando a personagem morre fica confuso, pois não pode contar a história que está morta.

.

O que eu quero dizer com isso é que, contar a história na primeira pessoa ficaria muito melhor se a personagem não morresse. Mas como morre a personagem no final, deverias ter contado a história na terceira pessoa

 **Vamos a isso!**

O conto está bonito, só que, muito corrido. Parece que se concentraste em simplesmente transmitir a mensagem aos leitores (uma mensagem educacional) só que esse imediatismo fez do com muito curto, com poucos cenário e sobretudo carência de detalhes.

 +



A Boca no Canudo Da Cova,

Livro de Nelson Emilio

Estória muito interessante com uma pitada da nossa actual realidade, com muita atenção e uma verdadeira leitura conseguimos tirar verdadeiras lições sobre a vida, como ela é, como ela deve funcionar.



Também estou bem.

Acabei de ler o teu livro. Parabéns pelo lindo trabalho! É uma história curta, objectiva e que trás consigo uma grande lição de vida. Foi bom viajar durante alguns minutos. 🙌🙌



Orladge Orlando Oggy

Online há 2 h



Por meio do site recanto das letras tive o privilégio de fazer o download gratuito do seu mais recente e-book, e gostei imenso de ler o mesmo pois narra uma série de problemas que tem afligido nosso território nacional.

Mais do que elogios não espero dar porque o está completo pese embora a capa não está centrada bem na folha, mas, porém, é somente um simples comentário.

Desejo te força e que um dia mudemos todos juntos.

jun 24 11:25



Lu Nascimento

Online agora



Achei legal. Na minha opinião poderia também ter passado a idéia de punição pra quem comete crimes feito esse que o Dumba cometeu. Violência à mulher. Pq independente da má escolha de uma mulher, nenhum homem tem o direito de agredi-la e mata-la. Sem contar o crime em relação a idade dela q ele cometeu. Se juntasse a mensagem q vc passou, da moral e valores familiares, a não impunidade dos crimes cometidos pra não justifica-los diante das circunstâncias, seria incrível.

ago 03 13:03



Rafael R. Fraga



É moral. Você está sempre dando bons conselhos hehe. Sei lá, bem trágico, infelizmente é verdade na maioria das vezes, poucos e raros amores de jovens dão certo. Eu nunca faria o que o cara fez, não sou assim. Na minha vida mulheres me fizeram sofrer mais do que eu fiz a elas pq nunca traí nem menti nem bati. Então sou meio diferente. Mas me meti em enrascadas.



Eris de Araújo



Parabéns, Nelson Emílio, pelo conto. É um texto com muitas reflexões, principalmente sobre a vida dos nossos jovens, no século 21.

Seu texto não apenas valida toda a experiência vivida por Yelissa - seja num estágio experimental ou num momento desafiador - mas também avalia as lições e ideias aprendidas através dela.